

A filosofia ensinada: reflexões e práticas

Francisco Iran de Menezes e Silva²

Resumo: Considerando a filosofia como o exercício do pensar, este artigo tem o objetivo de trazer para o debate as condições e as múltiplas dificuldades enfrentadas pelos professores da disciplina de filosofia, no cotidiano da sala de aula, sobretudo na escola pública, no contexto do Ensino Médio, para conduzir os alunos à compreensão de textos filosóficos, ao aprendizado crítico e consciente e à experiência do pensamento reflexivo. Assim, iremos discorrer sobre o lugar do professor e do ensino de filosofia na sociedade contemporânea e destacar a importância da conscientização do professor de filosofia quanto ao seu papel de incentivar, nos alunos, o gosto pelo saber.

Palavras-chave: Filosofia; dificuldades; Ensino Médio; professores.

Abstract: Considering philosophy as the exercise of thinking, the purpose of this article is to discuss the conditions and the multiple difficulties faced by the philosophy's teachers, everyday in the classroom, mainly in the public school, on the context of the High School, in order to bring to their students comprehension of the philosophical texts, critical and conscious learning, as well as, reflective thinking experience. In this way, we will analyse the professor's and philosophy teaching's role in the contemporary society, and we will also emphasize the importance of the philosophy teacher's awareness in relation to his role of stimulating the knowledge's pleasure in his students.

Keywords: Philosophy; Difficulties; High School; Teachers.

Introdução

As dificuldades no ensino de filosofia existentes no cenário brasileiro são facilmente identificáveis a partir de uma simples aproximação com a realidade da sala de aula. Além disso, há incontáveis artigos e obras em que pesquisadores têm analisado estes problemas. Dentre essas dificuldades, pode-se lembrar a posição de disciplina de menor importância frequentemente atribuída à filosofia no conjunto das disciplinas do Ensino Médio, bem como os conhecidos estereótipos através dos quais os alunos veem a filosofia. Acrescente-se a este quadro, a insuficiência de professores preparados para ministrar eficientemente as aulas de filosofia, levando a escola a designar professores de outras áreas para ministrarem as aulas de filosofia. Ademais, a resistência dos alunos está diretamente ligada ao fato de muitos considerarem a disciplina de filosofia como algo secundário e desnecessário, pouco prático e que não *reprova*. E não poderia ser diferente, considerando que são recorrentes as aulas que se resumem a discussões envolvendo um pouco de tudo, mas sem se chegar a nada.

É sabido que ensinar é uma tarefa que exige dos professores esforço e dedicação. No que tange à disciplina de filosofia, o esforço do professor precisa ser redobrado, em razão das dificuldades em despertar o interesse nos alunos, superando a noção generalizada de que a filosofia é uma disciplina difícil e que afinal não tem utilidade. Tal situação requer dos professores de filosofia o emprego de toda a sua criatividade para obter algum resultado positivo. Por outro lado, constatamos, durante o período em que estagiamos numa escola pública de Teresina, que professores de outras disciplinas, não só os de filosofia, percebem e também se queixam de que muitos alunos não demonstram interesse por suas disciplinas.

² Graduado em Filosofia pela UFPI. Professor de Filosofia no Ensino Médio. E-mail: iransu27@outlook.com

Não restam dúvidas de que dificuldades existem no ensino de qualquer disciplina. Todavia, Siqueira (2012) considera que quando se trata da disciplina de filosofia, este problema é mais evidente, já que os alunos frequentemente encontram enormes dificuldades de interpretar um texto filosófico, por mais simples que este seja, e a situação se agrava se lhes for exigida uma argumentação sobre o texto trabalhado a partir do que ele compreendeu. Assim, observa-se o problema que eles têm para desenvolver um pensamento coerente e lógico e os professores acabam se vendo diante de expressões como “acho”, que denotam uma acentuada dificuldade de pensar com conceitos, permanecendo atrelado unicamente ao senso comum. A ensinabilidade da filosofia se realiza apenas na medida em que a acepção do filosofar é compreendida como exercício de pensar sobre a existência pessoal e coletiva de cada indivíduo. Neste ponto, a qualificação é fundamental ao exercício pedagógico, porém, não é suficiente para o professor, visto que ela não concede, por si, todos os elementos e momentos que envolvem a prática docente.

O lugar do professor e do ensino de filosofia

Um dos traços da sociedade contemporânea, além de exigir mudanças feitas em ritmo muito acelerado, refere-se à presença de uma cultura de imagens pré-concebidas e de idealizações que versam sobre como um indivíduo deve ser, viver e pensar. A vontade de obter respostas fáceis, rápidas e eficazes a todos os problemas humanos é também uma característica visível. A contemporaneidade, por si mesma, já impõe desafios que exigem dos educadores sempre mais criatividade, agilidade e competência a fim de tornar a prática educativa uma base promotora de mudanças.

Se lembrarmos que a filosofia é um saber que vem sendo construído há mais de vinte e cinco séculos, e que integra o currículo escolar desde a época Colonial, no Brasil (embora com muitas idas e vindas), cabe perguntar: - Por quê seu lugar ainda é tão pouco compreendido na escola de nível médio? Segundo Palácios (2007), todos possuem naturalmente alguma ideia a respeito do que é filosofia e o que é filosofar, porque possuem alguma noção quanto ao que estão fazendo, o que querem fazer e o que esperam que as gerações vindouras, os atuais estudantes, façam. O ensino de filosofia demanda uma reflexão filosófica com relação ao tipo de ensino que esse saber já ocupa, em especial nas escolas de ensino médio, ao ofertar a chance de uma atividade de diálogo com os jovens a respeito de temas atuais, como as questões éticas e políticas, o aprendizado do ser e também do conviver, da democracia.

Neste sentido, como enfatiza Andrioli (2007), devemos compreender a filosofia não como mera disciplina de conteúdo e programa limitado, mas como eficiente método de trabalho que pode desenvolver uma maior capacidade de crítica do conhecimento, da escola, da sociedade e das relações humanas a partir de momentos propícios de debate em sala de aula. O papel do professor, diante de tal circunstância, deve ser definido a partir do lugar que ele ocupa como incentivador do ato de reflexão filosófica e do seu entendimento sobre filosofia. O mínimo que se pode esperar é que o professor esteja consciente dos desafios que enfrentará ao tentar suscitar nos alunos o desejo de que eles mesmos façam a experiência do pensamento reflexivo. Murcho (2009) afirma que no mundo da filosofia existe uma cadeia que se alonga desde o grande gênio até o modesto professor, e qualquer falha que ocorra nesta cadeia é fatal, uma vez que todos os lugares desta cadeia merecem respeito.

O ensino de Filosofia, de modo geral, tem como objetivo ensinar a pensar, no entanto, alcançar tal objetivo é tarefa difícil no presente contexto da escola pública, uma vez que se observa ainda a repetição consecutiva de queixas sobre as adversidades do ato de pensar. O que se nota é uma necessidade de fugir do exercício de pensamento, a exemplo do que se verifica através da crescente prática, entre os estudantes, de cópia, de reprodução de textos de autores de modo a querer tomar a autoria alheia como se fosse sua. Assim, o ato de pensar, na visão de Benetti (2007), enquanto processo de criação, de produção inovadora de ser e de sentir no mundo, encontra-se longe da realidade dos alunos.

De todo modo, a Filosofia possui na reflexão crítica e na formação humana a sua referência como prática social e, em razão disso, o professor precisa levar em conta esta prática social no processo de trabalho com os conteúdos filosóficos, trazendo os elementos necessários à análise teórica e à compreensão do cotidiano que o aluno vivencia, podendo prepará-lo para a vivência social, cultural, política e, como consequência, para o aprendizado crítico e consciente da cidadania.

Horn (2007) explica que cabe à filosofia o intento de debater, confrontar ideias, instigar a suspeita, promover a negação, a ruptura, estimular a participação no processo de elaboração de novos seres humanos, pois ensinar Filosofia é igualmente provocar o desmoronamento de certezas, bem como incitar o questionamento do estabelecido e permitir que se instrumentalize, por meio de reflexões, de leituras de textos variados, a crítica a fim de ampliar a concepção de mundo. A este respeito, Palácios (2007), explica

que a Filosofia é uma práxis cuja identidade apenas lhe é dada através da conjunção de circunstâncias em que se desenvolve, mais do que pela forma, objeto, conteúdo ou natureza do tipo de pensar, pois de fato é um tipo de pensar, uma tarefa essencialmente teórica que, não obstante, se concretiza e pode se concretizar de múltiplos modos.

Quanto ao ensinar a filosofar, este só pode consistir em um levar os alunos aos problemas, ou seja, levá-los a lidar eles próprios com os vários problemas que têm surgido na história da filosofia, permitindo que se coloquem das diversas formas como é possível fazê-lo no que se refere à abordagem, ao tratamento do problema, à possibilidade ou impossibilidade de atingir suas soluções, à atribuição do problema em si. O processo de ensinar e aprender ainda se encontra subordinado a uma compreensão pela qual se entende que o pensar, ou pensar de modo mais apropriado é desenvolver habilidades de pensamento, como esclarecer, explicar, interpretar, buscar consistência, definir, avaliar justamente, etc.

Nas concepções de ensino de filosofia indicadas nas salas de aula, de acordo com Benetti (2007), existe um pressuposto de que é suficiente desenvolver de forma metódica os caminhos da reflexão sobre os conteúdos para que o aluno seja levado ao pensamento “perfeito”, “melhor”, “bom”. Todavia, nota-se um distanciamento óbvio entre o uso de ferramentas metodológicas para conduzir ao pensar, como habilidades, conteúdos, e o que isso pode provocar no pensamento do aluno. Ou seja, mesmo uma conjunção de estratégias bem montadas e postas em prática não assegura que haverá uma apropriada condução no aprendizado do aluno, ainda mais se este não estiver realmente envolvido e estimulado com o próprio saber.

A Filosofia e o seu ensino: desafios para o professor e para o aluno

Lembrando as palavras de Benetti (2007), a conjectura de que existe um pensador que anseia naturalmente a verdade e que, deste modo, possui um estímulo fácil para o pensamento verdadeiro, pode levar a crer que ensinar, bem como ensinar a pensar, seja possível apenas por meio de um eficiente procedimento didático-metodológico. Ao se investir somente em métodos didático-metodológicos como solução para formar pensamento se cai na ilusão de que há um controle sobre o outro e o desejo deste. Contudo, pensar advém do encontro com algo que movimenta o indivíduo, expondo-o em questão frente à vida, e quanto a isso não há como ter controle. É necessário, então, levar em conta a maneira como são trabalhados os conteúdos, os subsídios metodológicos que o guiam, pois se percebe que, nas aulas, quando o professor indica para que os alunos apresentem um tema, um tópico de conteúdo, a participação oral ocorre como uma justaposição na qual são intercaladas as falas do professor e as dos alunos. Tal estratégia metodológica não é muito diferente da aula expositiva e não proporciona um diálogo legítimo. (HORN, 2007)

No ensino da Filosofia - mais especialmente ao Ensino Médio - sabe-se que a escolha de filósofos ou temas/conceitos advindos da História da Filosofia configura-se como uma das dificuldades centrais que o professor encara para a elaboração do programa de ensino. Tanto ele pode usar a estratégia de fazer o ensino girar em torno da escolha de determinados filósofos, eleger um período da História da Filosofia, recorrendo em geral aos pensadores clássicos, os mais conhecidos, como pode destacar conceitos e problemas que já se tem como inerentes à filosofia em si, temas como virtude, verdade, justiça, trabalho e liberdade, por exemplo, que são observados através de visões filosóficas diversas ou conforme a reflexão mais específica e detalhada de um filósofo.

No que tange à História da Filosofia, Tomazetti (2012) reconhece que, enquanto prática de formação filosófica, não poderia plenamente ser condição satisfatória para formar um professor que tivesse o escopo para as suas aulas o ensinar a filosofar. Em tal sentido, os cursos formariam não o professor-filósofo, mas somente o “filósofo”, que se encontraria enraizado numa filosofia que não deveria ser a filosofia a ser ensinada e que precisaria ser reconhecida e acatada pelos alunos na escola. Pode-se verificar uma tensão quando a formação do professor de filosofia é definida e pautada na perspectiva da História da Filosofia, porque o ensino da filosofia ocupa o lugar de ajuste entre o saber filosófico, o saber pedagógico e outros saberes, que apresentam, no âmbito da escola, uma relação polêmica e intrincada. O ensino da filosofia, conduzido unicamente através da História da Filosofia, causaria transtornos ao exercício filosófico assumido como um pensar sobre si e sobre o mundo.

Por outro lado, ao se observar a filosofia como uma disciplina em aberto, que não contempla expressivos resultados consensuais, pode-se pensar que é uma maneira de apegar a disciplina, mas é

importante esclarecer que o caráter aberto da filosofia não reduz em nada o seu valor cognitivo ou social, sua relevância acadêmica ou escolar, sua importância existencial. É tarefa da filosofia ocupar-se de problemas que se identificam, em meio a outras coisas, por não estarem aptos a serem estudados utilizando metodologias empíricas ou formais, referindo-se a problemas eminentemente conceituais.

O que rotineiramente se tem pedido ao estudante é que discorra sobre textos de filósofos, mas sem o domínio dos instrumentos filosóficos adequados ele se limitará à mera erudição histórica ou à opinião de senso comum, que as instituições de ensino tentam evitar pela erudição histórica e pelo texto comentado. Todavia, é insuficiente que o estudante tenha domínio dos instrumentos críticos da filosofia; é preciso também que obtenha o conhecimento teórico relevante, em que a história da filosofia tem o seu lugar (MURCHO, 2008).

Com isso, o perfil do professor, as possibilidades e o como ensinar filosofia, bem como o ensino filosófico por si mesmo, enquanto condutor de reflexão, configuram-se como elementos que devem ser sempre pensados da perspectiva de para quem esta reflexão está sendo dirigida. Do mesmo modo, a concepção de ensinabilidade, a partir da qual emergem as figuras do professor e do aluno, que têm entre si um itinerário a seguir, as adaptações e esquemas para possibilitar o desenvolvimento das capacidades cognitivas e interpretativas do abstrato, precisa ser explicitada. É preciso, pois, ver a importância de um cuidado verdadeiramente filosófico com o ensino de filosofia. Expor para si mesmo a questão “que filosofia ensinar?” Ele deve ter clareza de que perspectiva filosófica quer assumir, pois, como endossa Alves (2011), um risco que corre é o de terminar repassando o conhecimento adquirido na Universidade aos seus alunos, em forma de compêndio de conhecimentos que não os conduzem a pensar nem a amadurecer, por não estarem realmente conectados à vida, como já apontava Nietzsche.

A enorme dificuldade que os professores têm para acertar, segundo Adorno (1995), advém justamente da profissão que exercem e que lhes nega a diferenciação entre o seu trabalho objetivo e o plano afetivo pessoal, o que é feito sem grandes transtornos em muitas profissões. Ser professor demanda uma relação imediata, um dar e receber que não pode suprir seus objetivos mediatos. E em princípio, o que acontece na escola está bem distante do que é esperado. Entretanto, se o professor não reagisse de forma subjetiva, se verdadeiramente se mostrasse tão objetivo de modo a nunca permitir reações incorretas, pareceria aos alunos ser muito mais desumano e rígido, podendo obter ainda mais rejeição por parte deles. Um dos importantes problemas filosóficos da atualidade é saber se pode existir uma metodologia para o ensino de filosofia, já que tal ensino levanta a dúvida de como ensinar algo que se configura como busca constante, como um vazio que não pode jamais ser preenchido e se o filósofo-educador pode transpor este limite, que é essencialmente subjetivo e suscita diversos outros, que se manifestam na sala de aula e reverberam na relação ensino-aprendizagem dos alunos. Nota-se, portanto, a necessidade imposta ao professor de que ele se compreenda, antes de qualquer coisa, como filósofo, um ser apaixonado pela filosofia, engajado na tarefa de instigar seus discípulos-alunos ao gosto pela disciplina a fim de que igualmente sintam vontade de filosofar.

Levando em conta que o ensino de filosofia é construído na relação dialética que se dá na sala de aula, as aulas de filosofia se configuram como o local da experiência filosófica, no qual o professor de filosofia precisa ser o provocador de reflexões, o que demanda dele a habilidade de trabalhar didaticamente os assuntos, de modo que seu trabalho expresse capacidades de ensino a partir de estratégias didáticas diversas. Não basta, portanto, apenas a preparação intelectual para se obter sucesso com essa disciplina nas escolas. Como afirma Nascimento (2002), é necessário pôr em prática a formação pedagógica, planejar sua atividade, conhecer a realidade do cotidiano na sala de aula, dominar vários métodos de ensino e selecionar, partindo de temas múltiplos, os conteúdos de ensino que atendam os objetivos exigidos. Tal perspectiva faz entender que, para se trabalhar filosofia no Ensino Fundamental e Médio, é necessário usar recursos dinâmicos, vivos, problematizantes e jamais estáticos, observando que há uma considerável distinção entre o ensino de filosofia e a sua produção, pois não se ensina a filosofia, mas o modo como procurar caminhos e meios a fim de possibilitá-la.

Acrescente-se que além da desvalorização da formação pedagógica, muitos professores se deparam com carga horária estafante e excessiva, com acúmulo de provas e de trabalhos para corrigir de turmas e escolas variadas. Existem ainda muitos outros problemas que dificultam seriamente o ensino de filosofia, tais como a carências de matérias e livros didáticos, turmas superlotadas, baixa remuneração dos professores. Além disso, boa parte das escolas públicas ainda se encontra em precárias condições materiais, com prédios, equipamentos e mobiliário deteriorados, denunciando a insuficiência de investimento por parte do poder público para beneficiar e permitir melhores condições de trabalho aos professores e estudantes. Siqueira (2012), no entanto, pondera que não é suficiente uma sala bem pintada nem cadeiras confortáveis para

garantir a educação, mas isto poderia servir como acréscimo motivacional tanto para os professores como para os estudantes.

Há igualmente a falta de materiais e livros didáticos e, embora já se notem algumas melhorias nos últimos anos, ainda persiste a escassez de livros para pesquisas filosóficas. Um sério problema identificado e que se soma aos tantos existentes refere-se à baixa remuneração dos professores, gerando um desestímulo em massa no setor docente da escola pública e compelindo os professores a compensar o salário encurtado com o aumento da jornada de trabalho. Os professores precisam trabalhar, às vezes, até nos três turnos no intuito de melhorar sua renda, tendo que sacrificar o tempo de pesquisa e de qualificação.

Considerações finais

A disciplina de filosofia ainda tem enfrentado inúmeras dificuldades para ocupar efetivamente um lugar na organização curricular das escolas brasileiras, apresentando ainda uma prática pedagógica baseada na incerteza e na inquietude. Isto torna o professor de filosofia um militante que tem o papel de defender e de manter seu espaço de trabalho, visto que, diante da face real da escola, os professores elaboram uma diversidade de estratégias a fim de conseguir que a filosofia tenha possibilidade de ser ministrada.

Os estudantes, sobretudo os adolescentes, não estão sempre dispostos para refletir, porém, seria injusto dar-lhes respostas às questões, não permitindo ou não os estimulando à direção do seu desenvolvimento cognitivo com o pretexto frouxo de ser mais adequado apreender conhecimentos pré-produzidos do que criar o aprendizado por si próprio. A metodologia precisa favorecer sempre a participação dos alunos, que devem ser vistos como seres em transformação contínua, que carecem de orientação e que possuem capacidade para garantir o seu próprio pensamento autônomo. (HORN, 2007)

Por conseguinte, quando se diz que pensar é um ato que acarreta uma mobilização inquietante no sujeito, tirando-o de seus eixos confortáveis e o pondo diante de problemas para a vida, deve-se levar em conta de que é preciso aos professores de filosofia constituírem uma relação de escuta e de aproximação com as vivências e os seus cursos, tentando criar possibilidades, a partir do ensino de filosofia para unir as formas de ser, de sentir e de pensar.

Essa união, através da compreensão de Benetti (2007) pode ser incentivada por meio da arte, da literatura, da política e outros recursos que deixam ver caminhos variados e que propiciam novas problematizações advindas dos modelos já definidos do agir na sociedade, uma vez que pensar supõe a possibilidade do novo, do que não é uma simples reprodução do existente. O ensino de Filosofia pode, de tal modo, compor o espaço da desestabilização das verdades absolutas.

O desinteresse que muitos alunos têm pela filosofia reproduz o que se vive na sociedade contemporânea, ou seja, a entrega ao que é cômodo, frívolo e rápido. Os alunos, em sua grande parte, tendem a rejeitar o que requer esforço. Neste sentido, a filosofia perde espaço e prestígio, afinal, “pensar dói” e os alunos, em razão disso, mostram-se sem disposição para o exercício do pensar. Ainda na concepção de Siqueira (2012), as consequências, surgidas a partir da perda do desejo de saber e de pensar dos alunos, acarretam graves problemas à educação e à qualidade das aulas, porque se morre no sujeito o desejo de saber, desaparece também a curiosidade, a busca pelo entendimento, prevalecendo a apatia, o enfraquecimento da inteligência. Em tal conjuntura, o professor de filosofia é detentor de uma importante missão, que é a de conduzir os estudantes a um processo reflexivo e ensiná-los a pensar, a se impor questões que partam da sua própria realidade.

Até através de uma experiência de estágio é possível perceber que são vários os elementos que se apresentam como desafios à efetivação do ensino de filosofia. O estágio em si já se configura como um momento para reflexão, em que o candidato à docência é confrontado com o ambiente escolar, tendo contato direto com a realidade do sistema educacional, em particular, a sala de aula, não como mero expectador ou repetidor de práticas; para além disso, é preciso considerar a experiência do estágio também como uma experiência filosófica, e assumir a perspectiva de formação do professor/filósofo, professor/pesquisador, superando a falsa dicotomia entre estas perspectivas.

Diante de toda a reflexão feita e que engloba os inúmeros desafios que os professores responsáveis pela disciplina de filosofia enfrentam no dia a dia, é possível rematar a ideia apresentada dizendo que a educação brasileira, em todos os seus níveis, apresenta dificuldades advindas de fatores diversos. Estes vão desde os que surgem da própria sociedade contemporânea, das reflexões sobre o papel do professor,

enquanto instigador do exercício filosófico, do lugar do aluno, como o ser de quem se espera o aprendizado do exercício da abstração, do pensar, do tipo de ensino adequado a este saber, até as questões práticas sobre a realidade da sala de aula e as que tratam da possibilidade de uma metodologia real para o ensino de filosofia.

Compreende-se que esse ensino é permeado de tensão que afeta, principalmente o professor, que deve cumprir uma séria responsabilidade, suportar a resistência dos alunos para desenvolver e participar de modo ativo do seu processo de aprendizagem, acatar as implicações oriundas da escola e do seu projeto político pedagógico e criar um método que viabilize sua atividade.

É necessário, acima de tudo, que haja uma devida conscientização por parte do professor do quão intrincada é sua tarefa, o que não deve, porém, fazê-lo entregar-se ao desânimo e sim mantê-lo sempre atento e engajado na ação de tornar suas aulas mais atrativas, a fim de acordar nos alunos – e continuar atizando em si mesmo – o gosto pelo saber, pelo questionar de forma crítica e desafiante.

Referências

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/nafreitas/adorno-educao-e-emancipao>> Acesso em 19 de maio 2015.

ALVES, Luis Carlos C. Ribeiro. PCN's e ensino de filosofia na escola pública: desafios e perspectivas. Intuíto. **Revista do PPG em Filosofia da PUCRS**. 2011. Porto Alegre Vol.4 – N°. 2. Novembro. 2011p. 215-223. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuicio/article/view/8500>>. Acesso em: 20 de maio 2015.

ANDRIOLI, Antônio Inácio. Desafios da prática de ensino de Filosofia no Ensino Fundamental – Parte I. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 73, Junho/2007, Ano VII. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/073/73andrioli.htm>>. Acesso em: 14 de maio 2015.

BENETTI, Cláudia Cisiane. Ensinar a pensar no contexto do ensino de Filosofia: Um estudo com Gilles Deleuze. In: CARBONARA, Vanderlei; SARDI, Sérgio Augusto; SOUZA, Draiton Gonzaga de. **Filosofia e Sociedade: Perspectivas para o Ensino da Filosofia**. Ijuí: Unijuí, 2007.

HORN, Geraldo Balduino. Alguns apontamentos sobre a função social do ensino da Filosofia e da prática do filósofo-professor. In: CARBONARA, Vanderlei; SARDI, Sérgio Augusto; SOUZA, Draiton Gonzaga de. **Filosofia e Sociedade: Perspectivas para o Ensino da Filosofia**. Ijuí: Unijuí, 2007.

MURCHO, Desidério. **O pequeno Livro do Filósofo**. Universidade Federal de Ouro Preto: Edição de Autor, 2009. Disponível em: <<http://criticanarede.com/docs/plf.pdf>> Acesso em: 15 de maio 2015.

_____. A natureza da Filosofia e o seu ensino. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 22, n. 44, p. 79-99, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/viewFile/1968/1642>>. Acesso em: 17 de maio 2015.

NASCIMENTO, Maria Edna Magalhães. **O Ensino de Filosofia na Educação de Nível Médio em Teresina (PI): Relação entre formação inicial e prática pedagógica do (a) professor (a) de filosofia**. (Dissertação de Mestrado). UFPI, 2002.

PALÁCIOS, Gonzalo Armijos. Ensina-se a filosofar, filosofando. **Philosophos: Revista de Filosofia**, UFG. v. 12, n. 1. 79-90. Jan/Jun., 2007. Disponível em: <<http://revistas.ufg.br/index.php/philosophos/article/view/3505#.VVkWXvViko>>. Acesso em: 16 de maio 2015.

SIQUEIRA, Grégori Lopes. Dificuldades no ensino de filosofia no cenário da educação brasileira - **XVI Jornada nacional da educação**. Educação: territórios de saberes. De 20 a 23 de Agosto/2012.

TOMAZETTI, Elisete M. Produção discursiva sobre ensino e aprendizagem filosófica. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 46, p. 83-98, out./dez. 2012, UFPR. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/educar/article/view/30264/19517>>. Acesso em: 20 de maio 2015.